

“SONETO” DO TOMBO*Denise Manhães Almeida¹*

Sou considerada um ser nocivo
Meu corpo pode ser dilacerado
Eu não vivo, apenas sobrevivo
Pois até hoje o meu corpo é marcado

Não me basta morrer fisicamente
Não basta o meu sangue tingir o chão
É preciso me matar moralmente
Vão sujar também a minha reputação

Mas já chega!!!

Vamos quebrar as regras
Da métrica e também da sociedade
Não aceitarei o lugar que a sociedade me consagra
Eu não aceitarei mais a minha desumanidade

Eu passei pela senzala
Mas aprendi a ser Quilombo
A casa grande quer nos ver na vala
Com esse destino é que eu trombo

1 Mestre em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ e Graduada em História pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Possui Bacharel em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

Decidi mudar

Decidi com as regras acabar

A casa grande quer nos ver na vala

De forma explícita ou velada

Mas desse destino eu zombo

Pois decidi ajudar a construir o Quilombo

Nem que o preço a pagar seja o meu tombo